

Da sociedade fechada à sociedade aberta: Superando extremismos através da Simplicidade e do reconhecimento da Dignidade Humana

Wellington Santos¹

Resumo: Esta comunicação aborda a transição das sociedades fechadas para sociedades abertas, fundamentada na filosofia de Henri Bergson, com ênfase na promoção da paz e na desarticulação dos extremismos. A democracia, por reconhecer os direitos inalienáveis da pessoa, é apresentada como um mecanismo que transcende a natureza autodefensiva das sociedades fechadas, caracterizadas por divisões e conflitos. Inspiradas por místicos e heróis, essas sociedades podem evoluir para um estado de cooperação e reconhecimento mútuo, embora esse processo não seja linear ou definitivo. Bergson argumenta que a abertura social, impulsionada pela intuição e pela mística do amor, permite a superação do instinto de guerra e a transformação das sociedades. A simplificação da vida e a rejeição do luxo e do materialismo são propostas como caminhos para alcançar uma sociedade mais justa e reconciliada. Para isso, utilizaremos o método hermenêutico, fazendo um extrato da filosofia bergsoniana em literatura especializada abordando a transição das sociedades, a valorização da dignidade humana e o apelo ao retorno à simplicidade. Este estudo conclui que a reorientação dos valores sociais, centrada na simplicidade e na dignidade humana, é essencial para a construção de uma sociedade aberta, onde a paz e a cooperação prevaleçam sobre os conflitos e extremismos.

Palavras-chave: Sociedade Aberta. Dignidade Humana. Henri Bergson. Extremismo. Simplicidade.

INTRODUÇÃO

A reflexão sobre a evolução moral da humanidade, conforme desenvolvida por Henri Bergson, revela a transição de uma moralidade fechada, baseada na pressão social, para uma moralidade aberta, orientada pelo amor e pela criatividade. Na sociedade moderna, apesar da complexidade de suas estruturas, ainda existem traços de instintos primitivos herdados de formas ancestrais de organização social. Segundo Bergson, a moralidade humana não difere essencialmente daquela dos nossos antepassados. O que muda são as aquisições culturais e civilizatórias que acumulamos ao longo da vida e que moldam nossa consciência. Nesse sentido, a educação moral desempenha um papel crucial, enquanto o impulso vital que move a humanidade rumo a uma ética mais inclusiva precisa ser renovado constantemente por indivíduos excepcionais, como os místicos. Esses místicos, em suas ações, transcendem as barreiras sociais, inspirando uma evolução criadora que desafia as limitações das normas tradicionais.

1 Doutorando em Filosofia em Ética pela FAJE, Mestre em Filosofia pela FAJE, Pesquisa realizada com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG. E-mail: wellin.san@gmail.com

A democracia, em Bergson, destaca-se como uma das principais vias para essa evolução moral e social. Ele a define como uma concepção política que, em intenção, transcende as limitações da sociedade fechada, reconhecendo o valor inviolável da dignidade humana. Nas democracias, a dignidade humana é erigida como um princípio fundamental, um dever inalienável do Estado. Esse reconhecimento é essencial para o processo de abertura das sociedades, que progressivamente deixam de se organizar em torno de interesses fechados e competitivos, orientando-se para a cooperação e o respeito mútuo. No entanto, Bergson alerta que esse processo não é linear ou definitivo. A abertura, promovida por místicos e heróis, pode ser sucedida por novos fechamentos, refletindo a dinâmica complexa e imprevisível da história social. Fechamentos que dão o combustível para os extremismos em nossa sociedade.

Dentro dessa visão, o retorno a uma vida simples, inspirado pela mística e pela ética do amor, apresenta-se como uma alternativa para enfrentar as injustiças e os excessos da sociedade contemporânea. Ao colocar em perspectiva os anseios por luxo e bens materiais, a simplicidade surge como um caminho para a superar os extremismos. A vida simples, além de propiciar uma maior conexão com a realidade, possibilita uma reorientação dos valores sociais, abrindo espaço para uma convivência mais justa e harmônica entre os seres humanos e, conseqüentemente, reconhece o valor inviolável da dignidade humana.

1 ABERTURA À VALORIZAÇÃO DA VIDA

Retomaremos algumas considerações, para entender o processo possível de passar de uma moral fechada para uma moral aberta. Os grupos da humanidade primitiva foram os que mais se assemelharam à sociedade instintiva como um formigueiro. A natureza dotou o ser humano de inteligência e o dotou de sociabilidade. Isso fez com que as sociedades modernas desdobrassem a vivência social. Mas seria ingenuidade crer que os preceitos morais são transmitidos por hereditariedade. Bergson destaca que as pessoas não nascem com tendências diferentes das dos homens primitivos. Ele destaca que a diferença entre o civilizado e o primitivo está naquilo que a criança armazenou desde que sua consciência se despertou. E que os princípios morais são ensinados de geração em geração, material acumulado com o passar do tempo. Nosso autor assim pontua:

todas as aquisições da humanidade ao longo dos séculos de civilização aí se encontram, ao lado dela, depositadas na ciência que lhe é ensinada, na tradição, nas instituições, nos usos, na sintaxe e no vocabulário da língua que aprende a falar, bem como ainda na gesticulação dos homens que a rodeiam (BERGSON, 2019, p. 83).

Bergson usa a imagem de uma camada vegetal que recobre um rochedo, para falar de um estado de natureza original, que é o rochedo, recoberto pelas aquisições que a humanidade adquiriu no processo civilizatório, seria a camada vegetal que encobre esse rochedo. Lá no fundo, existe o ser em estado de natureza, mais próximo do instinto, que se põe num progresso pela inteligência, acumulando essas experiências. Existe um laço que nos liga aos

outros membros da sociedade, tais como no formigueiro. Mas que a forma que a inteligência assume, é que faz a diferença no processo de civilização. Num primeiro momento, essa forma orienta para uma sociedade em que a obrigação pura rege suas relações, é a moral de pressão social. Para esse quadro social, a aspiração pura é um limite ideal.

Contudo, uma sociedade mística que considera a humanidade num todo, regida por uma criação sempre renovada, que valoriza a vontade comum, não é consequência do desenrolar da vida social. É preciso a presença dos místicos, daqueles que arrastaram e ainda arrastam a sociedade, no movimento que fizeram. “A memória do que foram, do que fizeram, depositou-se na memória da humanidade. Cada um de nós a pode revivificar, sobretudo se a aproximar da imagem, mantida viva dentro de si, de uma pessoa que participava dessa misticidade e a fazia irradiar em seu redor” (BERGSON, 2019, p. 85). Contudo, ainda que não evoquemos o místico ou figuras grandiosas de maneira direta, reconhecemos que a capacidade de evocar está presente em nossa consciência. Essa potencialidade de evocação é o que Bergson denominou de “atração virtual”. Se, porém, nos desinteressarmos desses místicos, restará a fórmula moral que eles inspiraram, dessas pessoas que foram o melhor da humanidade. O resultado será uma transposição, uma mudança no âmbito das ordens e dos apelos nos termos da razão pura. Assim Bergson descreve essa transposição:

A justiça vê-se assim incessantemente alargada pela caridade; a caridade toma cada vez mais a forma da simples justiça; os elementos da moralidade tornam-se homogêneos, comparáveis e quase comensuráveis entre si; os problemas morais enunciam-se com precisão e resolvem-se com método. A humanidade é convidada a colocar-se a um nível determinado – mais elevado que o de uma sociedade animal, onde a obrigação não seria senão a força do instinto, mas menos elevado que o de uma assembleia de deuses, onde tudo seria impulso criador (BERGSON, 2019, p. 86).

Nessa perspectiva, Bergson pontua que a vida moral, vista dessa forma, é plenamente possível de ser alcançada, de se tornar princípio para a sociedade. Ao que ele dirá “a vida moral será uma vida racional” (BERGSON, 2019, p. 86).

Chegando ao ponto em que expomos sobre a transição de uma moral fechada, de obrigação pura, para uma moral de aspiração, do impulso do amor, podemos pensar que a vida ficaria no âmbito do simples “tem de ser porque tem de ser”. A sociedade ficaria fechada, onde seus membros estariam ligados por obrigações estritas. Mesmo que dotada de inteligência, sendo superior às sociedades instintivas, essa sociedade poderia não ter chegado ao ponto de se encorajar, como num sonho de transformação radical. Certo é, que as modificações da sociedade fazem parecer possível uma sociedade que compreenda e valoriza a dignidade de todas as pessoas. É fato que essa sociedade não existe, ainda, e Bergson (2019) pontua que pode ser que nunca venha a existir e teríamos que nos contentar com uma conformação moral. Mas tem algo, que nosso autor chamou de *elã vital*, que abre perspectivas para uma

nova moral. É o contraponto para o estacionário, o surgimento de pessoas que influenciaram a moral, pessoas de gênio. Claro que houve pessoas que fecharam a compreensão e fizeram a civilização regredir. No entanto, surgiram pessoas de alma privilegiada, que eram movidas por uma solidariedade universal, que fizeram da criação uma espécie nova, como que fundada e constituída por um só homem. Quando lembramos ou vemos os exemplos dessas pessoas, elas nos arrastam em seu movimento. Bergson descreveu entusiasticamente esse movimento, que pontuamos a seguir:

Mas do mesmo modo que apareceram homens de gênio que fizeram recuar os limites da inteligência, e que foi assim concedido a indivíduos, de longe em longe, muito mais do que fora possível dar de uma vez só ao conjunto da espécie, surgiram também almas privilegiadas que se sentiam aparentadas a todas as almas e que, em vez de permanecerem nos limites do grupo e de se aterem à solidariedade estabelecida pela natureza, visavam a humanidade em geral num impulso do amor. O aparecimento de cada uma delas era como que a criação de uma espécie nova composta de um indivíduo único, desembocando o ímpeto vital, de longe em longe, num homem determinado, num resultado que não poderia ter sido obtido de uma vez só para o conjunto da humanidade. Cada uma delas assinalava assim um certo ponto atingido pela evolução da vida; e cada uma delas manifestava sob uma forma original um amor que parece ser a própria essência do esforço criador. A emoção criadora que suscitava estas almas privilegiadas, e que eram um transbordar de vitalidade, difundiu-se em seu redor: entusiásticas, irradiavam um entusiasmo que nunca se extinguiu por completo e que pode sempre voltar a encontrar a sua chama. Hoje, quando ressuscitamos pelo pensamento esses grandes homens de bem, quando os ouvimos falar e quando os vemos agir, sentimos que nos comunicam parte do seu ardor e que nos arrastam no seu movimento: já não se trata de uma coerção mais ou menos acentuada, é uma atração mais ou menos irresistível (BERGSON, 2019, p. 97-98).

Em suma, Bergson aponta que a pressão social e o impulso do amor são duas forças complementares da vida. Manifestações que são capazes de conservar a forma social que a humanidade trouxe desde a sua origem, a da pressão social, mas amplamente capaz de transfigurar, nas pessoas dos místicos, os homens e mulheres de bem, movidos por um esforço da evolução criadora. Os educadores, ou seja, todos aqueles que transmitem uma vivência moral, têm em si duas vias para tal feito: o adestramento ou a misticidade. O adestramento consiste na transmissão dos hábitos, que são tomados do grupo, inclusive o é como porta de entrada para esse grupo. A misticidade consiste na imitação de uma pessoa, que são grandes pessoas de ação, que quer ver ressoar nos outros o impulso do amor. “Amor que é então em

cada um deles uma emoção inteiramente nova, capaz de transpor a vida humana num outro tom” (BERGSON, 2019, p. 102).

A sociedade é um fato na vida humana e exerce uma coerção nos seus membros, a obrigação, para garantir a sua própria subsistência. Mas antes da existência da sociedade, está o indivíduo que traz em si disposições inatas, que se articulam e ligam as pessoas entre si. Surgem, assim, os grupos humanos, que vão se aperfeiçoando e se tornam sociedades. A sociedade formada passa a obrigar o indivíduo, é a pressão social. No entanto, é preciso descobrir que o indivíduo também pressiona a sociedade, a julgando e pode obter dela uma transformação no âmbito da moral. A sociedade não é autoridade máxima. Bergson assim descreve:

Se a sociedade se basta a si mesma, ela é a autoridade suprema. Mas se não for mais que uma das determinações da vida, conceber-se-á que a vida, que terá posto a espécie humana neste ponto ou naquele da sua evolução, comunique uma impulsão nova a individualidades privilegiadas que nela se retemperem para ajudar a sociedade a ir mais longe. É verdade que terá sido necessário avançar até ao próprio princípio da vida. Tudo é obscuro, se nos ativermos a simples manifestações, se a todas elas chamarmos por junto sociais ou se considerarmos mais particularmente, no homem social, a inteligência. Tudo se esclarece, pelo contrário, se procurarmos, para além destas manifestações, a própria vida em si mesma (BERGSON, 2019, p. 103).

O procurar a própria vida em si mesma, num avanço em direção ao reconhecimento da absoluta dignidade da pessoa, é o roteiro que se desdobra. É o salto necessário para que passemos de uma moral fechada, do todo da obrigação, para uma moral aberta, do impulso do amor. Ao analisar nossa sociedade, vale considerar sobre qual via o ensinamento moral tem percorrido: a do adestramento ou a da misticidade. Pretendemos, no próximo capítulo, refletir sobre a justiça e a liberdade, quesitos indispensáveis para alcançarmos uma moral que seja arrebatadora, que arraste as pessoas atrás de si. Temos o intuito de pensar a democracia nesse movimento inserida na duração, e instigá-la a se abrir pela inspiração dos místicos, como forma de traçar um itinerário para a paz e a reconciliação. As reflexões sobre a moral aberta e a moral fechada desembocam na democracia, um valor tão importante para nossos tempos.

2 A DEMOCRACIA COMO CAMINHO PARA A PAZ E A RECONCILIAÇÃO

Percorrendo nosso itinerário, buscando indicar um caminho para a paz e a reconciliação das sociedades, tomaremos uma importante afirmação que Bergson faz. Ele diz que a democracia é a concepção política mais afastada da natureza e a que, pelo menos em intenção, transcende as condições da sociedade fechada. Essa afirmação se justifica pelo fato de que a democracia atribui à pessoa direitos inalienáveis. Toca a Justiça Absoluta, como vimos acima, que reconhece o valor inviolável da pessoa. As constituições dos países democráticos

têm, em suas primeiras linhas, a afirmação do reconhecimento da dignidade da pessoa humana, como um dever inalienável do Estado de Direito. O que indicamos aqui é o processo de abertura que se dá nas sociedades fechadas, que são voltadas para si mesmas, sem muito se preocupar com as outras, colocando-se em atitude de combate, prontas para atacar ou se defender. A democracia, como explicitou Bergson, tem um papel importante nesse processo de abertura.

Precisamos, contudo, compreender como as sociedades, saindo do estado de natureza, pelo uso da inteligência, chegam a esse salto de uma sociedade fechada, presa à obrigação, para uma sociedade que reconhece o valor de cada pessoa. Apresentamos estes processos anteriormente. Veremos, agora, o surgimento das democracias e o papel do místico, do herói, na inspiração provocada, o que levou a saltos de abertura ao longo da história. Contudo, precisamos entender que esse processo de abertura não é definitivo. Bergson não sistematiza um processo pautado pela graduação dos níveis de fechamento ao de abertura. As sociedades fechadas, pela inspiração dos místicos e heróis, se abrem para o reconhecimento do valor da humanidade. Posteriormente, essa abertura dá espaço para o fechamento, e “uma parte do novo vazou-se no molde do antigo; a aspiração individual tornou-se pressão social; a obrigação recobriu o todo” (BERGSON, 2019, p. 284). O processo de abertura também não é cíclico, pois a cada movimento um tanto da abertura ou do fechamento foi assimilado pela sociedade. Bergson explicita que podemos tomar um dos momentos, de abertura ou fechamento, e defini-lo por um conceito, e os outros momentos anteriores terão em maior ou menor quantidade o que o conceito da última encerra. No entanto, só podemos fazer essa análise de forma retrospectiva, pois as mudanças que ocorrem são qualitativas e, com isso, imprevisíveis. Assim nosso autor diz sobre o processo de abertura e fechamento das sociedades:

Da sociedade fechada à sociedade aberta, da cidade à humanidade, nunca se passará por via de alargamento. Não são da mesma essência. A sociedade aberta é a que compreenderia em princípio a humanidade inteira. Sonhada, de longe em longe, por almas de elite, realiza alguma coisa de si mesma em sucessivas criações, cada uma das quais, por meio de uma transformação mais ou menos profunda do homem, permite superar dificuldades até então, inultrapassáveis. Mas, a seguir a cada uma delas, o círculo momentaneamente aberto volta a fechar-se (BERGSON, 2019, p. 284).

Bergson nos aponta que parte do problema de compreensão sobre os processos de abertura e fechamento das sociedades está na própria compreensão sobre como representamos o movimento. Trazemos aqui o que já foi explicitado sobre a duração. A ilusão que se cria nesses processos está na forma de compreender o movimento como uma diminuição gradual do intervalo entre duas imobilidades, a de onde se parte e a do seu termo atingido. Nisso, temos a “impossibilidade de restabelecermos a mobilidade verdadeira, quer dizer, as aspirações e as pressões que constituem, indireta ou diretamente, a obrigação” (BERGSON, 2019, p. 288).

3 UM REGRESSO À SIMPLICIDADE

A partir da perspectiva filosófica de Henri Bergson, apresentada acima, buscamos entender a importância da intuição e da compreensão da experiência direta para abarcar plenamente os fenômenos sociais. Ao considerar o instinto de guerra como uma tendência presente na sociedade fechada, Bergson sugere que essa tendência está enraizada em um modo de funcionamento social que pode ser caracterizado por uma mentalidade mais rígida, marcada por divisões e conflitos. A sociedade fechada, nesse sentido, pode ser vista como um sistema que valoriza a diferenciação e a competição, resultando em tendências de guerra e conflito. No entanto, Bergson também apontaria para a possibilidade de uma mudança em direção a uma sociedade mais aberta, na qual os fundamentos da sociedade fechada são questionados e superados. A sociedade que se abre, de acordo com a visão de Bergson, seria aquela que valoriza a cooperação, a compreensão mútua e o reconhecimento da dignidade absoluta da pessoa e da interconexão de todos os seres humanos, movidos pelo impulso do amor, como uma inspiração dos místicos ou heróis que alargam os limites da sociedade, promovendo o salto para a sociedade aberta. Bergson valoriza a mística do amor que gera um movimento de atitudes, de ideias e de instituições que traduzem, ainda que de forma mais estática, na aparência do que é fechado, a dignidade absoluta da pessoa humana.

Bergson enfatizou que essa mudança não pode ser alcançada apenas por meio do pensamento intelectual ou da imposição de sistemas externos. Em vez disso, ele acreditava na importância de uma intuição profunda (COELHO, 1998/1999), na sintonia com o fluxo vital da experiência – o *elã vital* – e na busca de uma autêntica liberdade criativa. A filosofia de Bergson delineia para nós o objetivo de encontrar uma abordagem que reprimiria e contornaria o instinto de guerra, buscando transformar a sociedade fechada em uma sociedade aberta. Esse processo exigiria uma profunda mudança de perspectiva, uma ampliação da consciência e uma reorientação dos valores sociais, com base na compreensão da unidade e na superação dos conflitos em favor da paz e da cooperação. Temos que este caminho se dá pelo retorno possível à vida simples.

Uma afirmação contundente do nosso autor permite-nos falar de como é possível esse retorno a um estilo de vida com simplicidade, como forma de superar as injustiças, abrindo espaço para a paz e reconciliação. A guerra sairia do horizonte da humanidade, quando a vida simples eclipsar a nossa vontade por bens materiais e luxo. Bergson diz que “a mística está incontestavelmente na origem das grandes transformações morais” (BERGSON, 2019, p. 310). A mística é evocada por nosso autor relacionada a um modo de vida mais austero. Isto como contraponto à sede cada vez maior que a humanidade manifesta em relação ao prazer, ao luxo e às riquezas. São como forças irresistíveis que lançam a pessoa violentamente à busca de satisfação dos seus desejos. Todavia, essa busca incessante por um gozo ininterrupto encontra em si mesmo a sua contradição. Pois, o intenso prazer oriundo da satisfação do ganho daquilo que buscara torna-se logo enfadonho, cansativo. São raras as situações em que o ganho confere aquilo que prometera. Fato que leva a nossa sociedade contemporânea a um consumismo exacerbado, sem limites. Todavia, o desejo de conforto e de luxo tornaram-se a

preocupação principal da humanidade. O conforto e o luxo são, inclusive, referenciais para separar as pessoas em classes sociais.

As pessoas, afirma Bergson, começaram a aspirar a uma vida dedicada aos bens materiais a partir do século XV ou do século XVI, com o advento da modernidade, pela industrialização. A habilidade fabricadora, que nos é dada pela inteligência, logo começou a alimentar o mercado de bens de luxo e a seduzir as pessoas nesta busca por satisfazer seu desejo. Durante toda a Idade Média prevaleceu um ideal de ascetismo. A vida campesina, característica marcante deste período da história, colocava as pessoas num mesmo patamar, quanto ao apego aos bens materiais. Durante a Idade Média, tanto os indivíduos ricos quanto os pobres não consideravam essenciais muitos dos itens supérfluos que atualmente consideramos necessidades básicas. Independentemente da sua condição social, as pessoas daquela época levavam uma vida mais simplificada, onde as prioridades eram diferentes das nossas atuais. Assim evidencia nosso autor, duas tendências que se delineiam na história, a da busca desenfreada pelo luxo, pela riqueza, pelos bens materiais e a da satisfação com as coisas simples:

Havia, para toda gente, uma falta de conforto que nos surpreende. Ricos e pobres dispensavam coisas supérfluas que nós temos por necessidades. Houve quem tenha feito notar que, se o senhor vivia melhor do que o camponês, devemos por isso entender, sobretudo, que se alimentava mais abundantemente. Quanto ao resto, a diferença era estreita (BERGSON, 2019, p. 318).

Estas duas tendências que se sucederam nos permitem presumir que se tenha uma tendência primordial, em que se originam as duas outras, que são opostas. Para elucidar a questão, Bergson usa como exemplo o pensamento socrático, que foi seguido em dois sentidos contrários, mas que eram complementares à doutrina pensada por Sócrates quando busca entender o que é a felicidade. Destes dois sentidos saíram as doutrinas cirenaica e cínica: uma ansiava por um maior número possível de satisfações e a outra que aprendêssemos a dispensá-las. Estas doutrinas se prolongaram no epicurismo e no estoicismo, por meio de seus dois princípios opostos, relaxamento e tensão. Bergson diz que

a verdade é que os dois princípios estão no fundo da ideia que sempre se fez da felicidade. Designa-se por esta última palavra qualquer coisa de complexo e de confuso, um desses conceitos que a humanidade quis deixar no vago para que cada um o determinasse à sua maneira (BERGSON, 2019, p. 319-320).

Bergson faz uma provocação à ciência dizendo que ela poderia mostrar o caminho para uma simplificação da vida. Ele esclarece apontando que a física e a química têm multiplicado as nossas necessidades, ajudando indiretamente a satisfazer nossos desejos. Ao que a fisiologia e a medicina revelariam o quão perigoso é essa multiplicação das coisas ditas supérfluas à vida. Nesse sentido, ele faz uma projeção para o futuro, o tempo que vivemos,

dizendo que a ciência nos esclareceria sobre as implicações da complexidade que se tornou a vida humana. Em tempos atuais de uma reflexão cada vez mais acentuada sobre a ecologia integral, Bergson soa como nosso contemporâneo ao apontar que a simples reforma da nossa alimentação traria uma repercussão em vários níveis da vivência humana, como na indústria, no comércio, na agricultura. Estes seriam amplamente simplificados, dando um respiro à nossa Casa Comum². Se a prioridade fosse a natureza, aponta Bergson, depressa nós deixaríamos de lado as exigências de sentido genérico. Esta inversão de prioridades, que poderia ser alcançada pela simplificação das coisas da vida, se torna motivo de esperança quando concretizados. Em contraste com uma necessidade sempre crescente de satisfação pelo luxo e riquezas, a esperança surgiria como alento a indicar uma transformação que tornaria a vida mais simples e séria ao mesmo tempo.

A necessidade sempre crescente de bem-estar, a sede de diversão, o gosto desenfreado pelo luxo, tudo o que nos inspira uma tão grande inquietação quanto ao futuro da humanidade, porque até nisso parece descobrir satisfações sólidas, tudo isso se revelará como um balão que furiosamente se enche de ar e que a seguir desinchará também de uma vez só (BERGSON, 2019, p. 323).

Temos, contudo, seguindo o raciocínio do nosso autor, que a ciência não cessará o seu constante progresso, trazendo a satisfação ao luxo e riqueza de alguns como uma consequência. Tampouco, haverá uma supressão do industrialismo, ao que Bergson chama de maquinismo. As máquinas prestaram um serviço às pessoas, trazendo o desenvolvimento, porém nos desviaram para uma excessiva necessidade de bens artificiais, nos impelindo à busca pelo luxo, satisfazendo em demasia os prazeres. Também distanciou as relações entre o patrão e o operário, entre o capital e o trabalho, entre os ricos e os pobres. “Seria necessário que a humanidade empreendesse a simplificação da sua existência com tanto frenesim como aquele que pôs em complicá-la” (BERGSON, 2019, p. 328). Este empreendimento seria facilitado pelo misticismo verdadeiro, completo e atuante, que atraia o ascetismo. Seria uma aspiração a difundir-se em função da caridade, que é sua essência. Surge, aqui, a necessidade de que se destaque na humanidade gênios místicos, nas palavras de Bergson, que arrastem atrás de si a humanidade. Chegamos ao apelo do herói. Um apelo que surge como uma inspiração, “nem todos seguiremos, mas todos sentiremos que deveríamos fazê-lo e conheceremos o caminho que alargaremos, se por ele passarmos” (BERGSON, 2019, p. 333).

O apelo do herói, do místico é o passo que permite a humanidade dar um salto, abrindo-se. A moral fechada passa a dar lugar a uma moral aberta. A sociedade fechada vê resplandecer uma sociedade aberta. Contudo, nos recorda Bergson, “não contemos demasiado com o aparecimento de uma grande alma privilegiada. À falta dela, outras influências poderiam desviar a nossa atenção das bagatelas que nos divertem e das miragens em torno as quais nos

2 A Casa Comum é um conceito defendido pelo Papa Francisco em sua encíclica *Laudato Si'*, publicada em 2015. Ela refere-se à nossa casa compartilhada, a Terra, e a necessidade de cuidar do meio ambiente e de todas as formas de vida nela contidas. e da promoção de um mundo mais justo e equilibrado.

batemos” (BERGSON, 2019, p. 333). A vida simples emerge como ideal acessível, que geraria alegria na humanidade. Nessa perspectiva, o prazer, a busca desenfreada pelo luxo e riquezas, seria eclipsado por essa alegria. Contudo, apontamos que para Bergson, a simplicidade, que gera essa alegria, não significa necessariamente um retorno a um estado primitivo ou a uma vida de privações, mas sim uma reorientação de nossas prioridades e uma valorização do tempo presente. Isto nos permitiria ter uma vida mais autêntica e intuitiva, podendo encontrar uma verdadeira satisfação e uma conexão mais profunda com a realidade. O retorno à vida simples é uma forma de superar a excessiva racionalidade e o domínio do intelecto sobre a experiência humana. Ao buscar a simplicidade, podemos abrir espaço para uma apreciação mais genuína da vida, da natureza e das relações humanas, permitindo-nos experimentar a plenitude do momento presente e a vitalidade do fluxo da duração. “Alegria seria, com efeito, a simplicidade de vida que propagaria no mundo uma intuição mística difusa, alegria, ainda, o que se seguiria a uma visão do Além numa experiência científica alargada” (BERGSON, 2019, p. 338).

CONCLUSÃO

Em conclusão, a reflexão de Henri Bergson sobre a transição da sociedade fechada para a sociedade aberta nos oferece uma chave para enfrentar os desafios contemporâneos, especialmente os extremismos. Ele nos mostra que, enquanto a sociedade fechada é moldada pela pressão social e pelo instinto de preservação, a sociedade aberta é impulsionada por um amor criativo que transcende as divisões e limitações impostas pelo medo e pela competição. O reconhecimento da dignidade humana, neste contexto, torna-se o alicerce para uma nova moralidade que não se limita à conformidade, mas que busca a transformação e a evolução criadora.

A proposta bergsoniana de superação dos extremismos passa, sobretudo, pela simplicidade de vida e pela ação dos místicos. A simplicidade, longe de ser uma renúncia à modernidade, surge como uma alternativa à busca desenfreada por bens materiais e ao consumismo exacerbado. Ela oferece uma reorientação dos valores, privilegiando a justiça, a solidariedade e o respeito mútuo. Ao focar em uma vida mais simples e conectada com a essência do ser humano, abre-se espaço para uma sociedade mais justa e reconciliada, onde o reconhecimento da dignidade de cada indivíduo é fundamental para o convívio harmonioso.

Portanto, superar os extremismos não se trata apenas de criar políticas ou instituições, mas de uma mudança profunda na forma como nos relacionamos com o outro e com o mundo. A simplicidade e o reconhecimento da dignidade humana são os caminhos que indicamos para essa transformação, a partir da ótica filosófica bergsoniana. São esses valores que nos permitem construir uma sociedade aberta, democrática e em constante evolução, capaz de transcender as barreiras que nos dividem e de promover a paz e a reconciliação em um nível profundo em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

- ACKER, Leonardo Van. *A Filosofia Bergsoniana: gênese, evolução e estrutura gnoseológica do Bergsonismo*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1959.
- BERGSON, Henri. *As duas fontes da Moral e da Religião*. Lisboa: Edições 70, 2019.
- BERGSON, Henri. *O pensamento e o movente: ensaios e conferências*. São Paulo: Martins Fontes, 2006a.
- BERGSON, Henri. *Duração e simultaneidade: a propósito da teoria de Einstein*. São Paulo: Martins Fontes, 2006b.
- BERGSON, Henri. *A Evolução Criadora*. São Paulo: Ed. UNESP, 2010a.
- BERGSON, Henri. *Matéria e Memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 2010b.
- BERGSON, Henri. *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. São Paulo: Edipro, 2020.
- CAPPELLO, Maria Adriana. Liberdade e necessidade em Bergson: dois sentidos do Eu? In: PINTO, Débora Cristina Morato; MARQUES, Silene Torres (Orgs). *Henri Bergson: crítica do negativo e pensamento em duração*. São Paulo: Alameda, 2009. p. 111-130.
- COELHO, Jonas Gonçalves. *Bergson: Intuição e Método Intuitivo*. Trans/Form/Ação, São Paulo, v. 21, n. 22, p. 151-164, 1998/1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/bTgtZQxjFjTcnS9shtm6Mgb/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 1 mar. 2022.
- DELEUZE, Gilles. *Bergsonismo*. São Paulo: Editora 34, 2012.
- HENRI Bergson (1859-1941). In: *Dicionário de ética e filosofia moral*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2013.
- WORMS, Frédéric. *Bergson ou os Dois Sentidos da Vida*. São Paulo: Ed. UNIFESP, 2010.